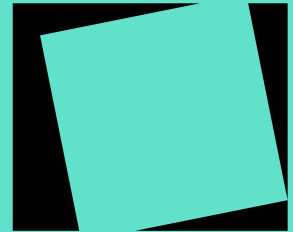


PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

48

V. 27

DEZ 2023

e-ISSN-2179-8001

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor
Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora
Patricia Pranke

INSTITUTO DE ARTES

Diretor
Raimundo José Barros Cruz

Vice-Diretora
Jéssica Araujo Becker

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenadora
Teresinha Barachini

Coordenadora Substituta
Niura Aparecida Legramante Ribeiro

Assistente Administrativo
Patrícia Pinto

Bolsista PPGAV
Thiago Costa Rolin

PORTO ARTE: REVISTA DE ARTES VISUAIS

EQUIPE EDITORIAL
Alexandre Ricardo dos Santos
Claudia Vicari Zanatta
Eduardo Ferreira Veras (editor-gerente)
Marilice Villero Corona
Paulo César Ribeiro Gomes
Teresinha Barachini

Bolsista PAEP
Mateus Jardim Santos

CONSELHO EDITORIAL

Androula Michael (UPJV, Amiens, França)
Annateresa Fabris (USP, São Paulo, Brasil)
Cristina Freire (USP, São Paulo, Brasil)
Icleia Borsa Cattani (UFRGS, Porto Alegre, Brasil)
Isabel Sabino (FBAUL, Lisboa, Portugal)
Raquel Henriques da Silva (UNL, Lisboa, Portugal)
Raquel Stolf (UDESC, Florianópolis, Brasil)
Suzete Venturelli (UnB, Brasília, Brasil)
Victor I. Stoichita (UNIFR, Fribourg, Suíça)

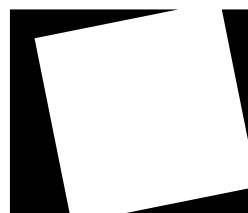
PROJETO GRÁFICO

Geovane Neves da Silva

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Thaís Franco

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Porto Arte. – v. 1, n. 1 (jun. 1990). Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 1990 - .

Semestral (jan./jun.)

A partir do v.5, n. 8 (nov. 1993) passa a incorporar o subtítulo Porto Arte : Revista de Artes Visuais.

Os anos de 2015 e 2016 tiveram uma edição comemorativa por ano. As edições semestrais seguem em janeiro de 2017 com o n. 36.

e-ISSN 2179-8001 (versão digital)

1.Arte : Periódicos. 2. Artes Visuais – Periódicos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

CDU 7 (05)

Silvia Holler – CRB 10/2456

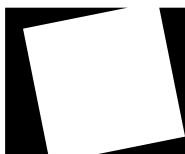
Versão digital:

<http://seer.ufrgs.br/portoarte>
portoarte@ufrgs.br

Como citar:

Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 27, n 48, dez.2023. e-ISSN 2179-8001





Algumas palavras sobre os exercícios do político na imagem contemporânea

Alexandre Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 0000-0002-0413-2268

Camila Monteiro Schenkel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 0000-0002-5912-6308

Charles Monteiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

ORCID: 0000-0003-1498-8155

Este dossiê começou a se desenhar em pleno momento de incertezas que acenavam para a continuidade de um projeto de governo de extrema direita, quando tentávamos vislumbrar resistências e saídas para a grande crise que se acirrou ainda mais no país com a eclosão da pandemia da covid-19. A presença do medo, da insegurança e a iminência de catástrofes de diferentes ordens, assim como a necessidade de compreender melhor os desafios de nossos tempos por meio da pesquisa em arte, são aspectos que atravessaram nossas motivações para desenvolver no âmbito do Grupo de Pesquisa do CNPq “Deslocamentos da Fotografia na Arte” duas ações complementares entre 2022 e 2023: a curadoria conjunta da mostra “Em Caso de Emergência”, realizada no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul – MACRS, entre setembro e novembro de 2022, e a publicação que ora apresentamos.

Nestes dois projetos, procuramos evidenciar a contribuição da imagem fotográfica e suas derivações para lidar com os limites que desafiam os modos a partir dos quais habitamos e nos posicionamos no mundo. Em sua dupla natureza, que oscila entre o documento e a ficção, a imagem técnica é um meio potente para interrogar as experiências que vivenciamos no presente.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

e-ISSN: 2179-8001

Considerando a grande adesão que tivemos à proposta deste dossiê temático, foi preciso dividi-lo em duas partes. Nesta primeira parte apresentamos 12 artigos relacionados a diferentes entendimentos sobre o exercício da política como um atributo fundamental da imagem e da sua função crítica. No conjunto, identificamos três eixos principais que se entrecruzam e se complementam. São eles: a discussão de gênero e seus desdobramentos na arte; as memórias difíceis, referentes a situações-limite geradas por governos autoritários; e, por fim, os textos que lidam com as memórias referentes a tabus sociais ou resultantes de violências colonialistas.

O texto que abre o dossiê, “Gretta Sarfaty e as imagens de si: a fotografia como instrumento político (1975-1980)”, de Annateresa Fabris, versa sobre um conjunto de trabalhos que apresentam a autoimagem da artista de origem grega, radicada no Brasil. A autora analisa imagens fotográficas de viés performático de Sarfaty sob uma perspectiva política que, mesmo não alicerçada no feminismo combativo do período, oferece uma resistência sutil em relação aos cânones de representação, desafiando o olhar masculino de erotização do corpo da mulher em diferentes estratégias e formas de enunciação de si criadas pela artista. Desde procedimentos que alteram as imagens ou oferecem contradiscursos frente à beleza feminina ou mesmo através de recursos que desarticulam a questão desejante relacionada ao corpo feminino nu ou seminu.

O artigo de Juliana Gisi, “Brincando com a autoimagem: os travestismos na fotografia produzida por artistas nos anos 1960/1970”, por sua vez, faz um passeio sobre diferentes representações do que ela chama de travestismo na arte contemporânea daquele momento, ou seja, os procedimentos de artistas que realizaram trabalhos alterando a autoimagem de diversos modos e com diferentes fins. Em sua análise, a autora traz à baila não somente as discussões de gênero e identidade sexual, mas também os recursos às máscaras ou outros elementos de cunho abjeto como estratégias que propõem o embaralhamento da própria imagem dos artistas, ao mesmo tempo em que discutem a arte canônica e, nesta perspectiva, a noção de artista-gênio tão combatida naquele momento.

Já em “Imagens, vozes e identidade nas práticas artísticas latino-americanas”, Gisele Ribeiro propõe uma aproximação entre a dimensão política da arte produzida recentemente na América Latina com as

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

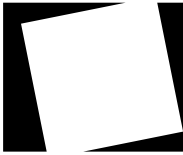
e-ISSN: 2179-8001

discussões levantadas por teorias políticas no que se refere às produções de identidades. Tendo como base de sua análise a noção de Hannah Arendt de espaço de aparência, a pesquisadora traz complementações ao pensamento da filósofa alemã através de diferentes teóricos como Chantal Mouffe, Ernesto Laclau, Judith Butler, Djamila Ribeiro, Nelly Richard, Gayatri Chakravorty Spivak, Paul B. Preciado, Frantz Fanon, Grada Kilomba e Audre Lorde, demonstrando a importância da relação entre o espaço público e as discussões das identidades. Tais debates não são tomados como unitários, mas como complementares, em contrapartida às noções limitantes de uma esquerda tradicional que os vislumbra como um esvaziamento de suas lutas. Ribeiro propõe, ao contrário, uma atualização desta noção equivocada, mostrando o papel político fundamental exercido pela posse dos discursos e dos lugares de fala como força política. Em diferentes trechos do seu texto há pausas para falar de artistas latino-americanos cujas poéticas trafegam nessa direção.

Ricardo Henrique Ayres Alves, em “Peste rosa, arte rosa: aids e crítica de arte desde a Argentina”, analisa o percurso crítico gerado pelo Centro Cultural Ricardo Rojas e seus integrantes, criado em espaço alternativo na Universidade de Buenos Aires, na passagem dos anos 1980 e 1990. O autor discute as várias nuances das convenções culturais geradas pela cor rosa, sobretudo quando ela começou a ser empregada como atributo ligado à construção do gênero feminino ou aos grupos homossexuais durante o período nazista na Alemanha, através do triângulo rosa. A análise confronta os diferentes conceitos e preconceitos da crítica argentina, referentes à nomeação do grupo como de “arte rosa” ou “arte light”, de forma pejorativa, para tratar de sua suposta “incapacidade” de oferecer uma densidade política à arte em uma Argentina que enfrentava o final de um processo ditatorial violento. Alves chama a atenção para o despreparo preconceituoso da crítica em relação à biografia dos integrantes do Grupo Rojas, muitos deles homossexuais vitimados pela epidemia da aids, cujos trabalhos de cunho autobiográfico eram vistos como superficiais e apolíticos e, portanto, longe dos “verdadeiros” debates políticos que iluminavam a crítica de arte argentina naquele momento.

Aspecto semelhante, relacionado às micropolíticas, aparece no artigo “Contrastes entre silencios y ruidos: comentario crítico sobre *El Silencio es un Cuerpo que Cae* (Agustina Comedi, 2017)”, de Martín Alomar, ao refletir sobre a subjetividade, a política de gêneros, os usos

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

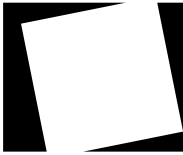
e-ISSN: 2179-8001

dos arquivos e o cinema familiar a partir do filme *El Silencio es un Cuerpo que Cae*, de Agustina Comedi. Entre os dois silêncios – aquele enunciado pelo título do filme e o que nomeia a diretora em uma de suas breves intervenções na trilha sonora do longa-metragem (“El silencio es lo único que pesa”) – se tece um relato de descobertas sobre desejo e identidade. Alguns dos aspectos principais que o autor aborda sobre esse documentário são a família, a origem, o dever, o desejo, o olhar homoerótico, o cosmopolitismo das viagens da pequena burguesia argentina e seus segredos. Questões que nos são apresentadas desde o princípio do artigo, por exemplo na interpretação do autor sobre a cena inicial do filme que, sem palavras e recorrendo a uma montagem inteligente de material de arquivo, constitui o coração central dessa obra que versa sobre o silêncio e seus ruídos.

Em “Leonore Mau e Hubert Fichte no Brasil: alguns cruzamentos entre fotografia e texto no livro *Explosão*”, Alexandre Santos propõe uma reflexão sobre a poética da fotógrafa alemã Leonore Mau em sua parceria com o escritor Hubert Fichte (também alemão), que era seu marido, quando viveram no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. O texto tem como eixo principal a análise das relações que o livro *Explosão – Romance de Etnologia*, de Fichte, apresenta com a fotografia de Mau. Neste projeto criativo conjunto, a literatura e a imagem se entrecruzam através de um viés alicerçado pela *etnopoiesia* e, nesta perspectiva, pela arte como um experimento de vida que articula uma tensão constante com as formas canônicas da escrita literária, da etnologia e mesmo da fotografia. Santos demonstra a crítica politizada à ditadura civil-militar brasileira e a empatia com as populações pobres, em sua maioria negras, nas páginas textuais de Fichte, muitas vezes referenciadas nas fotografias de Mau. O romance alicerçado na autoficção, cujos próprios personagens Jäckie e Irma são alter egos dos dois artistas envolvidos no projeto, é um forte e sensível depoimento sobre o período de exceção que o país atravessava.

Rodrigo Montero nos traz, através do texto “A potência do precário nas imagens testemunho”, uma reflexão sobre documentos precários de grandes traumas coletivos, como as contemporâneas ditaduras argentina e cambojana. O pesquisador problematiza as fotografias de identificação de prisioneiros feitas pelos agentes do Khmer Vermelho na prisão secreta S-21 em Phnom Penh, no Camboja (1975-1979), por onde passaram mais de 10.000 prisioneiros e prisioneiras, dos quais, até 2016, o Museu do Genocídio Cambojano reconhecia apenas 12

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

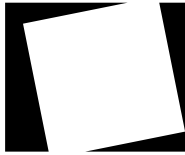
e-ISSN: 2179-8001

sobreviventes. O outro estudo de caso apresentado pelo pesquisador refere-se ao *Archivo negro de los años en que uno vivía adonde termina la vida y empieza la muerte*, verdadeiro testemunho visual produzido por Jorge Julio López do tempo em que esteve desaparecido, tendo sido detido e torturado em um centro de detenção clandestina durante a última ditadura militar argentina (1976-1983). As questões levantadas por Didi-Huberman em *Imagem apesar de tudo* servem de guia ao percurso interpretativo da análise. Segundo Montero, é necessário olhar e pensar as precariedades destas imagens, “pois é nelas que se sublimam a resiliência contra o apagamento, a urgência do testemunho e a tentativa de lidar com o incomensurável”. Precárias e valiosas, assim são as imagens-testemunho que resistem ao apagamento.

Em “Por una mirada indisciplinada: volver a Lonquén, 40 años después”, Ángeles Donoso Macaya explica, na primeira parte do texto, o conceito de “olhar indisciplinado” e outras noções formuladas em seu livro *La insubordinación de la fotografía*, entre as quais a de prática fotográfica, campo fotográfico em expansão e profundidade de campo. A autora fala de reverberações documentais para enfatizar a importância do documentário e do documento fotográfico, porém desloca o debate da suposta veracidade das fotografias para o eixo da performatividade, de modo a aprofundar o debate sobre a agência das imagens. Abordando o arquivo do Vicariato da Solidariedade – o qual emerge, opera e se expande em resposta à repressão e à desinformação no contexto de uma vigilância extrema –, a autora propõe uma reflexão sobre como ele se adapta e se transforma de acordo com as necessidades. Na segunda parte, o artigo trata das diferentes reverberações documentais do Caso Lonquén, relativo ao sequestro, tortura, assassinato e ocultamento de 15 militantes políticos ocorrido em Maipo, no Chile, após o golpe militar de 1973, liderado por Augusto Pinochet. A autora revisita o processo judicial deste caso emblemático, acessível ao público desde 2018, explicando porque considera necessário o gesto de não mostrar as provas forenses contidas naquele processo.

Em “Diversidade cultural e identidades coletivas”, Sheila Cabo Geraldo discute os impactos das discussões sobre multiculturalismo, pós-modernismo, colonialismo, pós-colonialismo, colonialidade e decolonialidade nos modos de pensar e produzir no campo da arte e da cultura, vislumbrando a preparação de um terreno que poderá favorecer a emergência de um fazer comum coletivo calcado no reconhecimento de identidades, epistemologias e visualidades até então silenciadas.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

e-ISSN: 2179-8001

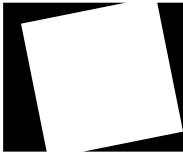
Geraldo contextualiza e encadeia conceitos que marcaram o debate cultural a partir da segunda metade do século XX, evidenciando como essas discussões emergem no trabalho de artistas como Paz Errázuriz, Regina Galindo, Jaime Lauriano e Denilson Baniwa. Trata-se de um olhar para produções que sublinham os efeitos das violências coloniais em diferentes contextos nacionais, ao mesmo tempo em que valorizam identidades e memórias excluídas dos relatos oficiais a partir do fortalecimento de contranarrativas.

A necessidade de uma história da arte que se abra para discursos não-hegemônicos é igualmente destacada por Niura Legramante Ribeiro em “A fotografia como dispositivo para discutir identidades invisibilizadas: Rosana Paulino”. Sua análise perpassa diferentes momentos da obra de Paulino, protagonista nos debates artísticos sobre raça e gênero ao abordar, desde os anos 1990, as heranças de nosso passado escravagista e destacar as contribuições das práticas e saberes da diáspora africana para a cultura brasileira. Tomando como fio condutor a presença de fotografias apropriadas na poética da artista, sejam elas oriundas de seu acervo familiar ou de terceiros, Ribeiro destaca as contribuições de Paulino para a reelaboração das memórias da escravidão a partir da reinvenção de imagens pretéritas.

No artigo “El cine como dispositivo agonista: la promesa política de *La sangre bárbara* (2012) de Jesús Mario Lozano”, Laura González Flores reflete sobre as possibilidades de um cinema político nos dias atuais a partir de uma análise do filme de Lozano. Realizada depois de acompanhar, ao longo de três anos, uma comunidade da Sierra Norte de Puebla, Cuetzalan, a obra constituiu um mosaico agonista de micro histórias protagonizadas por sujeitos indígenas que revelam a perpetuação da violência colonial no México contemporâneo. Flores destaca os efeitos de montagem empregados pelo cineasta para tornar visíveis múltiplas formas de exclusão social e racismo em uma obra que é lida a partir de aproximações com a pintura, com o documentário etnográfico e com a tradição experimental do cinema político latino-americano dos anos 1960 e 1970.

Por fim, o texto de Pedro Caetano Éboli Nogueira, “Crentes e pregadores: imagem, política e alteridade”, analisa o modo como a política atravessa os sujeitos e temas abordados por Barbara Wagner na série *Crentes e pregadores* (2014). Se, por um lado, como observa Éboli, o protagonismo recente da agenda moral e anti-minoritária da

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

e-ISSN: 2179-8001

bancada evangélica reforça uma visão unitária e estereotipada dos pentecostais e neopentecostais, marcada também por preconceitos de classe, o dispositivo de representação proposto por Wagner, por outro lado, questiona a artificialidade da categoria que os identifica ao representar os sujeitos evangélicos em sua singularidade e despidos de pompa.

O conjunto de artigos aqui reunidos procura, desta forma, valorizar revisões acerca da história recente, mas também sobre o passado e suas reverberações no que concerne às crises presentes, de maneira a ressaltar situações de grupos sociais invisibilizados ou de memórias históricas silenciadas. No contexto deste início de milênio, acreditamos que seja urgente repensar certos pressupostos e práticas até então recorrentes na academia, no campo da história e da teoria da arte, frente a uma série de demandas e movimentos coletivos de grupos excluídos, silenciados ou apagados pela historiografia da arte ocidental em prol de um cânone artístico europeu hegemônico. Novos/as teóricos/as e artistas evidenciam em suas práticas a necessidade de considerar as especificidades identitárias e suas heranças culturais, especialmente no que concerne à cultura negra, às discussões de gênero (feministas ou LGBTQIAPN+) ou ao legado dos povos originários, questões apagadas por longo tempo na historiografia, na crítica e mesmo nas ações institucionais de museus, galerias ou eventos de arte.

Apalavra exercícios, que compõe o título desta proposta, compreende a realização de práticas regulares que alimentam a constituição de alicerces para futuros possíveis. Tal situação se concretiza através da disciplina sistemática do cotidiano, do trabalho lento, fragmentário e constante. Campo privilegiado para a reflexão sobre o mundo, a arte também se manifesta como um verdadeiro exercício de resiliência, que vislumbra alternativas e dissensos em relação aos desafios trazidos pelas conjunturas históricas. A presença da imagem técnica – fotográfica, fílmica, videográfica ou digital – é uma das experiências mais evidentes da cultura contemporânea e é principalmente através dela que os artistas lançam debates e sínteses provocativas acerca dos regimes de verdade que nos assombram, inclusive aqueles que consolidam o próprio campo da arte.

A política, como herdeira da experiência da pólis grega, é um campo de ação que trata da vida em comum e do embate contraditório como sustentáculos das democracias contemporâneas e da complexidade

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.48

Dez 2023

e-ISSN: 2179-8001

das suas demandas. A discussão sobre um tema com tal importância se torna premente, sobretudo neste momento que atravessamos, no qual o capitalismo tardio se alia a retrocessos políticos, violências simbólicas e obscurantismos de toda ordem. Os negacionismos científicos, as notícias falsas e a cooptação de imaginários e subjetividades, bem como o sequestro do direito à cidadania, são algumas das ameaças que pairam sobre a chamada era da pós-verdade. Diante de tal situação, de que modo a imagem artística é capaz de lançar mão de alternativas contradiscursivas para esboçar outros futuros? Talvez algumas respostas possam ser encontradas nas páginas que se seguem.

Alexandre Santos

Camila Monteiro Schenkel

Charles Monteiro

Organizadores

Como citar: Santos, A. (2023). Algumas palavras sobre os exercícios do político na imagem contemporânea. *PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais (Qualis A2)*, 27(48).

Doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001137034>